

## § 205

A regra geral, porém, que acabamos de dar, soffre na prática algumas excepções. Primeiramente, quando for bastante dar a intender só a idéa geral do objecto, será então indifferente usar d'este ou d'aquelle synonymo. E, se os termos *honestos* sam preferiveis sempre aos *obscenos*, nem num discurso polido têm jámais logar os *grosseiros*; todavia os *nobres* e *sublimes* devem de-ordinario medir-se pela grandeza da materia. Porque o termo que em uma é nobre em outra ficará inchado; e o que em materia grande é *baixo* virá bem na menor. Pois, assim-como num discurso brilhante é para notar um termo grosseiro, como o é uma nodoa em um bom vestido; assim em um discurso chão e singelo não fica bem um termo sublime e polido, sendo como um oiteiro no meio d'uma planicie. Ás vezes, contudo, é preciso abater um objecto; e para isso conduz a mesma *baixeza* dos termos. Porventura quando Cicero diz a Pisão: *Oppôis a cabeça, marrando com ella*, não parece elle augmentar, com este termo *baixo*, o desprezo d'esse homem que elle queria anniquilar?—Finalmente, ás coisas atrozes estarão melhor os vocabulos *asperos* do que os *euphonicos*.

## § 206

Posto isto, as palavras separadas adornam o discurso, sendo *antigas* e sendo *novas*: aquellas lhe dam mais respeito e dignidade; estas o tornam mais agradavel. Mas deve de haver moderação; pois (como noutro logar se disse) nem as antigas se ham de ir buscar ás ultimas trevas da antiguidade; nem se ham de empregar das novas as que mais o forem. Se alguma vez, todavia, nos faltar uma palavra, ser-nos-á permittido ou retomar alguma das antiquadas, ou ainda-mesmo forjar uma nova; o que com o raciocinio e com exemplos demonstra, além d'outros criticos, Horacio (*Epist. aos Pisões*, vv. 46—72).

## § 207

E per quatro modos se innovam as palavras, a saber: pela *reproducção*, per *onomatopeia*, per *composição*, per *derivação*. Pela reproducção, fazendo como renascer aquellas que ha muito jaziam em esquecimento; como se fizemos reviver estas — *hoganno*, *soér*, — que já se haviam antiquado. Per onomatopeia, formando palavras imitativas dos sons d'alguns objectos, ou dos gritos d'alguns animaes; como a d'Ennio:

*Rebombando da tuba o som terrivel,  
Taratán taratántara, repete.*

E estas portuguezas — *mugir*, *coaxar*. — Per composição formando de duas palavras simples e conhecidas uma: como — *alipede*, *tremeluzir*. — Per derivação, variando a terminação d'um vocabulo da nossa lingua para formar outro; como do verbo — *apurar* — se derivou — *apuramento*; — ou naturalizando um vocabulo extranho per meio d'uma leve alteração; como do francez — *garantie* — se derivou — *garantia*.

## § 208

Advertimos porém e não nos cançaremos de o repetir, 1.º que não haja affectação no innovar as palavras, senão necessidade e moderação: 2.º que, innovando-as, se use de certas preparações e correctivos; como — *por assim dizer*; *se o posso dizer*; *em-certo-modo*; *permitta-se-me a expressão*; etc.: — 3.º que as palavras, que se derivarem, se tomem principalmente da lingua mãe; qual é para nós a latina, como fonte da mór parte das nossas palavras (1).

(1) Segundo a opinião vulgar.

## VI

Do adorno das palavras junctas; e primeiro dos vícios

## § 209

Passemos pois já ao adorno das phrases; materia que demanda tractado um pouco mais extenso. E, assim-como ha pouco advertimos sobre as palavras separadas (§ 203); assim agora, quanto ás unidas em phrase, veremos primeiro quaes, por desornadas, devam de evitar-se; visto-que não é de esperar que sáia ornada a phrase *que tiver mais ou menos polimento do que é justo*.

## § 210

Doze vícios se contam nas phrases desornadas:

1.º O *cacophaton*, que se commette ou quando se abusa d'uma phrase honesta para significar um sentido obsceno: ou quando da união de duas palavras resulta uma dissonante, grosseira ou torpe; como (*Lus. VI, 98*):

Soffrer aqui não pôde o *Gama mais*:

ou quando, dividindo na pronúncia ou na escripta uma palavra, fica uma das partes obscena ou sordida.

2.º A *tapinosis*, que apouca a dignidade ou grandeza do objecto; como, se ao parricida déssemos o epitheto de *ruim*, em vez de *impio* ou *scelerado*. Isto porém não será vicio, se de-pensado quizermos abater o objecto.

3.º *As phrases desornadas em geral*; quaes sam as *rombas*, que em muitas palavras dizem pouco; as *séccas*, que satisfazem só ao intendimento, não enchendo o ouvido; as *insipidas*, que exprimem pelos termos proprios o que dos translatos receberia mais graça; as *desleixadas*, que se apresentam sem escolha. As primeiras sam oppostas ás *finas*;

as segundas ás *ricas*; as terceiras ás *agradaveis*; as quartas ás *apuradas*.

4.º A *meiosis* (§ 174), que não só é vicio contra a clareza mas tambem contra o ornato; por subtrahir á phrase palavras com que ella ficaria mais chêa e, porisso, mais engraçada. Quando porém a subtracção for bem feita, será uma virtude, de que em seu logar se falará.

5.º A *homeologia*, que, por causa da monotonia ou falta de variedade, torna a phrase fastidiosa. Commette-se ella, repetindo os mesmos conceitos, a mesma fórma de elocução, e a mesma collocação das palavras. Sendo este seguimento mui desagradavel ao espirito e ao ouvido, é um dos vicios de que mais se deve fugir.

### § 211

Os vicios d'estas phrases sam mais por defeito; os das seguintes mais por excesso:

6.º A *tautologia*, i. é, a repetição superflua da mesma palavra ou phrase. Ás vezes porém serve a repetição para imprimir mais profundamente no animo do ouvinte a idéa do objecto; e então é uma virtude, que com outro nome apparecerá no proprio logar.

7.º A *auxesis* ou expressão muito superior á grandeza do objecto; como, se ao *voluptuoso* se dêsse o epitheto de *malvado*. Tambem isto deixa de ser vicio, quando sobrepensado se quer exaggerar o objecto ou excitar o riso. Adeante virá com diverso nome, entre as virtudes.

8.º A *macrologia*, que desinvolve em muitas palavras o que em poucas se exprimiria com mais belleza; como em T. Livio: Os enviados, não tendo conseguido a paz, voltaram *para trás, para casa, d'onde tinham vindo*. Se porém as idéas accessorias não só convierem ao objecto mas tambem ao fim do orador, o circumloquio será uma virtude, de que abaixo falaremos.

9.º O *pleonasm*o, i. é, a excusada repetição d'uma idéa

assás indicada; como: *Eu vi com os meus olhos*; bastando — *vi*. — Quando porém a repetição se emprega para asseverar a verdade, e para fazer crer que o testemunho dos sentidos nos não engana, deixa de ser vicio; como em Maro (*En. IV, 359*):

*A voz nestes ouvidos embebi.*

10.º A *periergia* ou ostentação de excessivo apuramento em polir a phrase; porque a demasiada lima necessariamente a enerva, tirando-lhe a energia.

11.º O *cacozelon* ou imitação infeliz, i. é, toda a expressão que passa os limites do verdadeiro ornato; quando o genio do orador, destituído de bom-gosto, se engana com o bello apparente. Taes sam as expressões *pedantescas*, as *redundantes*, as *escuras*, a *collocação effeminada*, a *affecção pueril de consoantes e equívocos*, etc.

12.º O *cenismo* emfim, i. é, o emprego de palavras de varias linguas no mesmo discurso; ou a mistura de palavras sublimes com baixas, antigas com modernas, poeticas com vulgares. Assim falta a unidade; e, onde-quer-que esta não apparece juncta com a variedade, ordinariamente não ha belleza.

## VII

### Dos tropos

#### § 212

Evitados estes vicios, applicar-se-ão os meios com que dissemos (§ 379) se aformosêa o discurso, a saber: as palavras translatas e as apartadas do modo ordinario de falar; i. é, os *tropos* e as *figuras*. Differem estes termos em que — o tropo muda a significação da palavra, a figura não —; mas esta differença na prática nada vale.

## § 213

Começaremos assim pelos tropos; os quaes se derivam de duas fontes, — a pobreza da lingua e a imaginação. — Primeiramente, tantos objectos ha em a natureza, tanta copia de pensamentos occorre á nossa alma, que não ha lingua alguma, ainda a mais rica de palavras, que possa exprimir, sem recorrer a empréstimos, todas as idéas. Em segundo logar, muita influencia têm sobre a linguagem a imaginação; sendo que, em qualquer objecto que se lhe apresente, jámais contempla ella uma só e simples idéa, senão acompanhada d'outras accessorias. E, havendo muitas vezes nestas idéas accessorias mais viveza, mais força e mais dignidade, do que na idéa principal, deixâmos então o termo proprio, e empregâmos o translato. Poronde bem se vê quanta seja a importancia dos tropos no discurso.

## § 214

É pois *tropo* — a translação d'uma palavra ou phrase da propria significação para outra, com virtude. — Dá-se a translação (como noutro logar se indicou) quando as palavras, que empregamos, não sam por nós tomadas na sua significação primordial nem na habitual (§§ 168 e 169). Mas, para ter logar a translação, releva — 1.º que seja necessaria, por faltar termo proprio; ou util, por dar ao discurso mais luz, força e graça do que o mesmo termo proprio: — 2.º que não seja arbitraria, mas natural, i. é, que tenha o seu fundamento em a natureza dos objectos; e este fundamento é a relação natural do objecto, de que se toma a palavra, com o outro para o qual ella se transfere. Quatro sam as principaes d'estas relações, — relação de *similhança*, relação de *oposição*, relação de *compreensão*, e relação de *connexão*; — as quaes dam outros tantos generos de tropos; sendo todavia muitas as especies, pertencentes, umas a um, outras a mais generos.

## PRIMEIRO GENERO, A METAPHORA

## § 215

Entre os generos occupa o primeiro logar a *metaphora*, i. é, — *a translação da palavra da propria significação para outra, por similhaça.* — Differe a metaphora da similhaça em que nesta desinvolve-se, ou é manifesta, a confrontação do objecto similhante com o assimilhado; naquella substitue-se o similhante ao assimilhado. Se disserdes: *Achilles arremetteu como um leão*, empregais uma similhaça breve ou imagem (§ 184): se porém, intendendo Achilles, occultardes este nome, dizendo — *arremetteu o leão* —, será metaphora. D'onde se segue que, para haver clareza, é mister que a relação dos objectos seja mais obvia e manifesta na metaphora do que na similhaça.

## § 216

Não ha tropo algum que mais vezes se empregue do que a metaphora; pois tam natural é ao homem, que os mesmos ignorantes usam d'ella a cada passo, sem o perceberem. Nenhum tropo ha tambem mais excellente que este, já para pintar clara e vivamente um objecto, já para aformosear o discurso; até algumas idéas pouco honestas se exprimem com mais decencia per meio d'este tropo. E, na verdade, aquellas metaphoras — *Acceso* em cholera; *Inflamado* na paixão; *Caído* em erro (Quinct.); e estas — *Fervia* a guerra; *Gemem* nossos mares debaixo das armadas (J. Freire), — sam mais significativas que os termos proprios. Est'outras porém — *Torrente* de ingenho; *Tormentas* das assemblêas populares (Cic.); e estas — *Espiritos varonís* em annos *verdes* (o mesmo Freire); *Sêccas* do rosto as *rosas* (Camões), — procuram-se para enfeitar as phrases.

## § 217

Mas, como todos os objectos, de que se póde transferir a palavra para outros, sam animados ou inanimados, da combinação d'uns com outros resultam quatro maneiras de empregar a metaphora:

1.<sup>a</sup> Tomando o animado polo animado: assim Christo chama *raposo* a Herodes (*Luc. XIII, 32*): Ide dizer a esse *raposo* que ainda tenho de expulsar demonios, etc. *Trad. de Per.* Tambem Coge-Çofar chama *viboras* aos portuguezes (J. Freire, L. I): Tiremos d'entre nós estas *viboras*, nascidas do ultimo occidente para inficionar a Asia toda.

2.<sup>a</sup> O inanimado polo inanimado; como (*En. VI, 1*):

..... Á frota as *redeas* larga.

E em Luiz de Sousa (*Vida do Arceb., L. I, C. 7*): Metteu todas as *vélas* de sua eloquencia.

3.<sup>a</sup> O inanimado polo animado; como (*En. VI, 842*):

Os dois *raios* da guerra, esses ardentes  
Scipiões *terror* da Lybia.

E em Sousa (no mesmo Liv. C, 20): Não vai longe d'aqui o *lume* da Egreja, S. Thomaz.

4.<sup>a</sup> O animado polo inanimado; como (*En. VIII, 728*):

O Araxes contra a ponte *enfurecido*.

E *Ulyss. C. I, 44*):

..... As portas do oriente,  
*Chorando* aljofar, abre a bella aurora,  
Que, quando *ri* nos ceos, nos campos *chora*.

As metaphoras d'esta ultima especie, por virem junctas com a *energia*, sam de todas as mais sublimes.

## § 218

Devem porém evitar-se: 1.<sup>o</sup> as metaphoras *frequentes* e



as *continuadas*, maiormente se forem *tiradas do mesmo objecto* em periodos successivos; porque escurecem o discurso e o tornam fastidioso. As *atrevidas* ou as que *exaggeram excessivamente o objecto*; como aquella, censurada por Cicerone: *Tempestade da galhofa*. 2.º As *baixas* e as *sordidas*; qual esta que o mesmo orador condemna: *Glaucia, esterco da curia*. 3.º As que sam *inteiramente dissimilhantes*, como estas d'um escriptor nosso: *Os pensamentos, partindo das vastas costas da memoria, embarcam no mar da imaginação*; e as *violentas*, i. é, em que ha só uma similhança remota; como a de *Furio Bibaculo*:

O alto Jove nos Alpes hynvernosos  
A branca neve *cospe*.

Estas, assim—como as *atrevidas*, devem de ser temperadas com os correctivos (§ 208). 4.º As *poeticas*, que o uso não admitte na prosa; porque os poëtas, assim pelo seu fim, que é principalmente o deleite e a moção, como pela prisão do metro, têm mais liberdade, que os oradores, no emprego dos tropos. Assim, é poética esta metaphora do lyrico romano (*Od. L. 4. Trad. de Elpin. Dur.*):

*Trotou*, qual chamma pela têa, ou Euro  
Pelas siculas ondas.

### § 219

Sendo tambem a relação de similhança o fundamento da *catachrese* e da *allegoria*, sam ellas por—consequente duas especies de metaphora. *Catachrese* ou abuso é — a *translação da palavra d'um objecto similhante, para significar outro que não têm nome*. — Comquanto ella se empregue principalmente por necessidade, tambem têm alguma novidade e graça; como (*En. II, 15*):

Por Pallas induzidos, um cavallo  
Os gregos *edificam* e lhe tecem  
De tabuões de abêto as amplas costas.

Tambem per catachrese se diz: As searas *têm sede*; os fructos *padecem*.

## § 220

*Allegoria* ou inversão de sentido é — a *translação da phrase da propria significação para outra, por similhaça*; — e differe da metaphora: 1.º em que esta transfere uma só palavra, aquella muitas; denominando-se porisso a allegoria uma continuação de metaphoras: 2.º em que o sentido da metaphora é mais facil de perceber-se que o da allegoria. Um excellente exemplo d'este tropo nos offerece o poeta de Venusa (*Od. L. I, 14. Trad. de Elp. Dur.*):

*Ó nau, ao mar te tornam novas ondas.  
Ó que fazes? com força o porto aferra;*

onde toma a *nau* pola republica, as *tormentas* polas guerras civis, o *porto* pola paz e concórdia. Outra (J. Freire, *Vida de D. João de Castro, L. II*): Livremos esta *escrava* da Asia das *prisões* do tributo; livremos nossos mares, que debaixo de suas armadas *violentados gemem*.

## § 221

Algumas vezes, ainda sem translação, se faz uma especie de allegoria *real*, que exprime pelos termos proprios uma coisa ou pessoa figurativa d'outra. Tal é a *parabola*, quando se toma pela narração d'um successo imaginado, mas com moralidade; de que ha muitos exemplos no Evangelho, onde o reino dos ceos se compara já a *dez virgens*, já á *rede lançada ao mar*, já ao *thesouro escondido*. Tal é tambem o *apologo* (§ 38), como aquelle (*Juizes, IX, 8. Trad. de Per.*): *Foram uma vez as arvores a eleger sobre si um rei; e disseram á oliveira: Reina sobre nós, etc.*

## § 222

Mas a allegoria *verbal*, e propriamente dicta, ora é to-

*tal*, i. é, formada toda de palavras translatas; e esta, por ser como um enigma, rarissimas vezes terá logar; e, não se empregando a proposito, será um vicio. Ora é *mixta* de palavras proprias e translatas; e é a que póde ser mais frequente, porque das palavras proprias lhe resulta a clareza, das translatas o atavio. Tendes exemplo da primeira naquelle verso do bucolico romano (*Eclog. III, 111*):

*Vedae já, ó meninos, as levadas;  
Assás bebeu o prado.*

Da segunda neste passo de Cic. (*a fav. de Milão*): Em verdade que sempre tive para mim que Milão tinha de passar per todas as *tempestades* e *tormentas* que se experimentam nos *marulhos* das *assemblêas* populares.

### § 223

Sobre esta especie de allegoria uma regra ha importante: — *Per aquella especie de metaphora pela qual principiastes o pensamento allegorico, per essa o deveis continuar e concluir*; — porque, se, havendo tomado da *tempestade* o primeiro termo translato, terminardes per outro tirado do *incendio* ou da *ruina*, quebrareis o liame das idéas. Nem obsta o vermos que esta regra não tenha sido mui religiosamente observada por escriptores aliás grandes; e entre estes por Horacio (*Epist. L. I, 1*):

Ninguem tam *fero* que se não *madure*  
Se á *cultura* prestar paciente ouvido.

Pois do que é *fero* dizemos que se *amansa*; dos fructos, que *amadurecem*; dos terrenos, que se *cultivam*.

## SEGUNDO GENERO, A IRONIA

## § 224

O segundo genero de tropos é a *ironia* ou irrisão, que têm o seu fundamento na relação de opposição que ha entre os objectos. *Ironia* é — o tropo que diz o contrario d'aquillo que as palavras significam; — o que se dá a conhecer ou pela pronunciação, ou pelo character da pessoa, ou pela natureza da coisa; pois, se alguma d'estas tres coisas não convêm com as palavras, bem se vê que queremos significar o contrario do que dizemos. Muita força têm este tropo, já para fazer parecer leves as coisas graves, ou graves as leves; já para vituperar, simulando louvor; ou louvar, simulando vituperio. Excellente é aquella ironia de Cic. (*a fav. de Mil.*): *A morte de Clodio, ninguem a pôde levar com paciencia: chora o senado; magôa-se a ordem equestre; toda a cidade está consumida de pena; estão de lucto os municipios; consternadas as colonias; os mesmos campos alfim têm saudades de tam benefico, tam prestadio, tam pacifico cidadão.* Pelo contrario, fallando de si mesmo, diz Cicero em uma carta a Bruto: *Enganámos o povo, passando por oradores.* Tambem é muito bella a ironia de Vieira, implorando o auxilio divino na guerra com os hollandezes: *Abrazae, consumi, destrui-nos a todos... Hollanda defenderá a verdade de vossos sacramentos... Hollanda edificará templos; Hollanda levantará altares, etc. Serm. Part. II, n.º 587.*

## § 225

Têm-se por especies de ironia — o *sarcasmo*, o *asteismo*, a *antiphrase*, o *euphemismo* e a *paremia*; — aindaque as duas ultimas pareçam pertencer antes á allegoria. *Sarcasmo* é toda a ironia acompanhada de riso insultante e di-

rigida a quem se não póde vingar; tal é a que os judeus dirigiram a Christo, crucificado: *Ó lá, tu que destróis o templo de Deus e que o reedificas em tres dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz. Marc. XV, 28 e 30. Trad. de Per.* — O *asteismo* é uma ironia menos insultante e que vitupera com uma apparencia de urbanidade; como em Virg. (*Eclog. III, 90*):

*Quem não odia a Bivio os cantos ame  
Que tu, ó Mevio, entóas.*

— A *antiphrase* exprime, para bom agouro, idéas funestas per palavras de idéas contrarias; assim, sob D. João II, deram os portuguezes ao cabo-das-tormentas o nome de — *Cabo-da-Boa-Esperança*. — O *euphemismo* diz as coisas tristes, torpes e desagradaveis, per palavras mais brandas; como em Cic. (*a fav. de Mil.*): *Fizeram os creados de Milão o que qualquer quizera que os seus fizessem, em tal conjunctura; em vez de — mattaram.* — Assim dizemos tambem d'um fallecido: *Que está em gloria.* — A *paremia* significa per um dictado uma coisa a que alludimos; como, se ao que ensina a quem sabe mais applicarmos o proverbio latino: *Sus Minervam*; ou o portuguez: *Ensinar a aguia a voar.* Heit. Pinto.

### TERCEIRO GENERO, A SYNECDOCHE

#### § 226

Dá o nome e o fundamento ao terceiro genero de tropos a *synecdoche* ou comprehensão, i. é, a relação do *todo* com a *parte*; assim-quê, pelo todo se dá a intender a parte e pela parte o todo. É pois *synecdoche* — o tropo que dá a perceber mais ou menos do que as palavras significam no sentido proprio: — e serve, assim para dar variedade ás phrases como para as tornar mais expressivas.

## § 227

Comprehende este genero varias especies.— A primeira põe o todo physico pola parte; como (*En. XII*, 119):

*Fonte e fogo levavam . . . . .*;

ou a parte polo todo; como (*En. II*, 198):

Dez annos, *quilhas* mil os não domaram.

E (*Lus. I*, 24):

Eternos moradores do luzente,  
Estellifero *pólo* e claro assento.

## § 228

A segunda toma a materia pola fórma ou artefacto: como *ferro* pola espada; *prata* polo dinheiro; *pinho* pola nau. Assim (*Ulyss. V*, 43):

Vam pelo alto e socegado argento  
Lavrando o mar as *fu'as encurvadas*;

ou a fórma pola materia; como (*Virg. Eclog. X*, 21):

*Capellas* para mim colhêra Phyllis,  
Amyntas me cantára.

## § 229

A terceira especie emprega o singular polo plural; como (*En. II*, 290):

O *imigo* occupa os muros; e já Troia  
Inteira vêm ruindo.

E (*Lus. II*, 51):

Alli suberba, altiva e exalçada,  
Ao *gentio*, que os idolos adora,  
Duro frêo porá. . . . .

Ou o plural polo singular; como: Logo mal escreveram os *Jeronymos, os Ambrosios, os Agustinhos*, etc. Sousa, *Vida do Arceb.*, Tom. I, liv. I, c. 23. Ou o numero determinado polo indeterminado; como acima (§ 22): *mil quilhas* em vez de *muitas; seiscentas vezes* por *muitas vezes*.

## § 230

A quarta substitue o genero pola especie; como (Hor. *Od. I, 3. Trad. de Elp. Dur.*):

*Nada aos mortaes é arduo.*

Ou a especie polo genero; como (o mesmo, *Od. II, 16. Trad. do mesmo*):

Descanço aos deuses roga o que engolphado  
Se vê no bravo *Egêo*, assim-que a negra  
Nuvem lhe esconde a lua .....

e (*Lus. I, 27*):

Per vias nunca usadas não temendo  
De *africo* e *noto* a força, a mais se atreve.

A classe polo individuo; como: *O orador romano* por *Cicero*. Ou o individuo pola classe; como: *É um Cicero* em vez de *é muito eloquente*.

E tambem o abstracto polo concreto; como (*Lus. III, 99*):

Este sempre *as suberbas castelhanas*  
Co'o peito desprezou firme e sereno.

Ou o concreto polo abstracto; como: *mysterios incompreensiveis ao homem*, i. é, *á razão*. — Mas em todas estas especies de synecdoche têm mais liberdade os poetas que os oradores; poronde necessario é vêr o que o uso admitte (§ 218).

QUARTO GENERO, *METONYMIA*

## § 231

A relação de *connexão* ou *ordem dos objectos*, assim successivos como coexistentes, é o fundamento do quarto genero de tropos, a *metonymia* ou — *substituição d'um nome por outro*. — Este tropo, que é d'uma grande extensão, enriquece o discurso e lhe dá novidade. As suas principaes especies sam seis, parte relativas aos objectos successivos, parte aos coexistentes.

## § 232

A primeira especie é a *antonomasia*, — *que toma o accessorio em vez do nome proprio do individuo*. — E faz-se ella: 1.º pelo epitheto: quer patronimico, como quando se diz, em vez de Achilles, *Pelides*, i. é, o filho de Peleu; por Diomedes, *Tydides*, i. é, o filho de Tydeu: quer commum, como, o *Apostolo* por S. Paulo. — 2.º pelas qualidades characteristics do individuo, como (*Lus. I, 22*):

*Estava o padre alli sublime e dino  
Que vibra os feros raios de Vulcano.*

— 3.º per meio das acções per que o individuo se distingue, como: *o destruidor de Carthago e Numancia* por Sci-pião; e (*En. IV, 495*):

*As armas que do thalamo pendent  
Deixou na fuga o impio.*

E (*Lus. I, 26*):

..... Levantaram  
*Um por seu capitão, que peregrino  
Fingiu na cerva espirito divino.*

— Muito usado é este tropo de poetas e oradores; mas, se for mui frequente, cái no vicio da obscuridade.



## § 233

Segunda especie, a *metalepse*, — que pelos antecedentes dá a conhecer os consequentes; como (Virg. *Eclog.* I, 83. *Trad. do dr. Lima Leitão*):

*Já fumam dos casaes ao longe os tectos,  
Dos altos montes sombras môres cáem;*

o que mostra estar-se aproximando a noite. Assim-tambem (*Lus.* II, 92):

*Iam-se as sombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra, em fresco orvalho:*

o que dá a intender que se avizinha o dia: — ou pelos consequentes os antecedentes; como (*Genes.* III, 19): Comerás o pão *no suor do teu rosto*. — E igualmente pelo signal a coisa significada; como: Sempre meus conselhos foram *pola toga*, não *polas armas*. Cic. *a fav. de Marc.* E: Os antigos romanos *do arado* eram escolhidos para o *bastão*. Vieira, *Serm.*, P. VI, 123.

## § 234

A terceira especie de metonymia toma o effeito *pola causa* (*En.* VI, 275):

*Alli habita a pallida doença  
Com a velhice triste.*

E (*Lus.* III, 128):

*Mas, se t'o assim merece esta innocencia,  
Põe-me em perpetuo e misero desterro.*

Ou a causa *polo effeito*; assim (no mesmo canto, 133):

*Como da seva mêsa de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia.*

## § 235

Põe a quarta o inventor polo invento; ou o escriptor polos escriptos, como (Virg. *Georg.* II, 113):

Ama *Baccho* as collinas .....

e assim (*En.* I, 101):

A *Ceres* pelas aguas mareada;

e (*Lus.* V, 96):

Lia Alexandre a *Homero*, de maneira  
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

## § 236

A quinta o possuidor pola coisa possuida; como (*En.* II, 31):

Já perto de nós arde *Ucalegonte*.

E (*Lus.* IV, 83):

Onde o licor mistura e branca arêa  
Co' o salgado *Neptuno* o doce Téjo.

Assim-tambem d'um homem a quem dissipam os bens dizemos que o devoram.

## § 237

A sexta emfim o contido polo contido, como: Levanta-te, esclarece-te, *Jerusalem*; porque chegou a tua luz. *Isaias*, LX. Trad. de Per. Assim-tambem (*Ulyss.* VI, 93):

O *Rion* poderoso e triumphante  
Nelle a gloria contempla que perdia.

Ou o contido polo continente (o mesmo poema, II, 7):

Que alli vam despedir-se concertaram,  
Onde a anchora pesada o sal feria.

## Especies de tropos, relativos a varios generos

## § 238

Entre os tropos dos quaes cada um se póde referir a varios generos contamos tres, — o *epitheto*, a *periphrase*, a *hyperbole*. — O *epitheto* ou *aposto* é ou grammatico ou oratorio ou poetico; entre os quaes ha esta differença: o grammatico ora explica ora restringe a idéa do subjeito ou do attributo da proposição, sendo porisso necessario para a intelligencia ou para a verdade do sentido. O oratorio porém não se emprega por necessidade, senão para ornar ou amplificar o discurso. E se os poetas se contentam com que o epitheto convenha á palavra a que se ajuncta, não se lhes censurando dizerem — *brancos dentes*, *humidos vinhos*; — na oratoria, comtudo, se o epitheto não desperta a imaginação, ou não esclarece os objectos, ou não dá impulso aos animos, é redundante.

## § 239

É pois *epitheto* oratorio — a expressão que ao nome d'um objecto ajuncta uma idéa accessoria d'outro objecto, para dar graça ou energia ao discurso. — Só porém é tropo quando ha translação de palavra; i. é, quando vêm juncto com algum dos quatro generos de que acima se tractou. E, como a todos elles póde pertencer o epitheto, subdivide-se porisso em *metaphorico*, *ironico*, *synecdochico* e *metonymico*. — Exemplo do *metaphorico*: Irás emfim para onde muito ha te arrastava essa tua *desenfreada* e *furiosa* cubiça. Cic. *Catil. I. E* (*Lus. IV, 75*):

Veu a manhã no ceo pintando as côres  
De *pudibunda* rosa e roxas flores.

— Exemplo do *ironico*; o de Juvenal (*Satyr. XV, 10*), ridiculizando a idolatria dos egypcios:

*Sanctas gentes a quem nas hortas nascem  
Tam-poderosos numes!*

E o de Garção (Comedia, *Os preparativos d'uma assemblêa*, scena III):

Que *florente* não fôra o vasto imperio  
Das fulas amazonas, se o regêra  
*Tam-gentil* coração, alma *tam-nobre!*

— Exemplo do *synecdochico* (Hor. *Od. IV, 12. Trad. de Elp. Dur.*):

Já *socias do verão*, que o mar temperam,  
As *thracias* virações as velas incham.

Outro (*Ulyss. VIII, 93*):

Nem com tanto furor o mar *egêo*,  
Co'as forças do austro em tempestade escura,  
Ergue as tumidas ondas .....

— Exemplo do *metonymico* (Hor. *Od. II, 16. Trad. de Elp. Dur.*):

Que nem riqueza ou consular archeiro  
Da mente afasta os *miseros* tumultos.

Outro (*Lus. I, 58*):

Da lua os claros raios rutilavam  
Pelas argenteas ondas *neptuninas*.

## § 240

Ora, aindaque sem os epithetos fica o discurso como nu e desenfiteado, não se deve todavia carregar de muitos, porque assim se torna longo e embaraçado; bem-como um exercito seguido de tantos vivandeiros quantos sam os soldados, onde sería dobrada a gente, não as forças. Apezar d'isto, algumas vezes podem junctar-se a um nome não um

só senão muitos epithetos; com-tanto-que as idéas accessorias, *per* elles indicadas, tenham relação umas com outras e com a idéa principal. Taes sam estes (*En. III, 658. Trad. do dr. Lima Leitão*):

*Gran'monstro, informe, horrendo e já-sem-vista.*

E (nos *Lus. IV, 28*):

Deu signal a trombeta castelhana  
Horrendo, fero, ingente e temeroso.

### § 241

A *periphrase* ou circumloquio — *explica per muitas palavras o que póde exprimir-se em poucas ou em uma só*; — e quando consta de palavras translatas é tropo, que póde pertencer tambem a varios generos. Emprega-se a periphrase, umas vezes *por necessidade*; — ou para encobrir idéas obscenas e sordidas; como aquella periphrase de Salustio: Partiu um certo Ligo *para satisfazer ás necessidades da natureza*; onde ha synecdoche do genero pela especie; — ou para adoçar pelo euphemismo (§ 225) ou pelo asteismo idéas tristes e duras. Outras vezes procura-se com ella a *utilidade*, i. é, o ornato: — já porque pelos accessorios presta mais luz ás propriedades e mais força á idéa do objecto: — já porque apresenta sob nova face as coisas vulgares e communs. Neste uso mui frequente é a periphrase na poesia; mas tambem na prosa não é rara, comquanto mais curta. Exemplo (*En. II, 268. Trad. de Odo-rico Mendes*):

*Era quando aos mortaes começa e cõa,  
Divino dom, gratissimo descanço.*

Outro (*Lus. II, 60*):

*Meio caminho a noite tinha andado;  
E as estrellas no ceo c'o a luz alheia  
Tinham o largo mundo allumiado,  
E só c'o somno a gente se recreia.*

— Todas as vezes, porém, que o circumloquio nem é necessario nem util, converte-se no vicio da perissologia ou macrologia (§ 174 e 211); porque tudo o que não auxilia o discurso é ocioso e serve-lhe de embaraço.

## § 242

Muito póde alfim na amplificação dos objectos a *hyperbole*, i. é, — a *exaggeração mentirosa com que se engrandece ou apouca o objecto fóra das proporções naturaes*: — e forma-se ella, ora per termos proprios, ora pelos translatos; e estes de varios modos. — 1.º Pelos termos proprios, dizendo mais do que aconteceu; como (Cic. *Philipp. II*): *Vomitando, encheu de bocados de comida, que cheiravam ao vinho, o seu regaço e todo o tribunal. E no Psalm. CVI, 26. Trad. de Per.: Ora sobem até os ceos, ora baixam até os profundos abysmos.* — 2.º Per similhaça; como (*En. VIII. Trad. do dr. Lima Leitão*):

..... *Então dirias*  
*Que arrancadas as Cycladas nadavam.*

— 3.º Per comparação (*En. V, 319. Trad. de Odorico Mendes*):

*Excede os ventos e do raio as azas.*

— 4.º Per metonymia (*En. VI, 808. Trad. do dr. Lima Leitão*):

*Se voára pela flor da messe intacta,*  
*Deixára sem lesão a tenra espiga.*

E na *Ulyss. II, 38*:

*E subindo Neptuno á mór altura,*  
*Ondas introduzir no ceo procura.*

— 5.º Per metaphora (*Ulyss. IV, 7*):

*Toca d'um monte a testa levantada,*  
*Que faz columna ao ceo co'as penhas graves.*

— 6.º Junctando a uma outra hyperbole; como (Cic. na

*citada Philipp.): Que Charybde tam voraz? Charybde digo eu? essa, se existiu, foi um animal só. O oceano mesmo (eu o juro) apenas parece ter podido sorver tam-depressa tantas coisas, tam espalhadas e postas em logares tam distantes.*

### § 243

Porém no emprego d'este tropo tres cautelas deve haver: 1.<sup>a</sup> Que não seja muito frequente a hyperbole; porque, sendo-o, ficará o discurso sem naturalidade, e por-consequente sem interesse, frivolo e ridiculo. 2.<sup>a</sup> Que, comquanto a hyperbole passe os limites da verdade, não exceda todavia os da moderação; de-modo-que não procure enganar, mentindo, senão levar o ouvinte ao conhecimento da verdade. 3.<sup>a</sup> Que só se empregue quando o objecto de que se tracta é assombroso ou extraordinario; pois-que então se permite dizer mais do que elle é, por não ser possivel o descrevel-o como realmente é.— Isto baste sobre os tropos: passemos já ás figuras, que sam, como dissemos (§ 212), o segundo meio de adornar as phrases.

## VIII

### Das figuras em geral

### § 244

Temos aqui, primeiramente, de advertir que somos taes por natureza que, movendo-nos a presença, real ou ainda imaginada (§ 67), do bem ou do mal, manifestâmos esse movimento pela lingua, interprete do nosso coração. Por-isso é que, sentindo, já a dôr, já o prazer e outros affectos semelhantes, ora perguntâmos, ora exclamâmos e rompemos em varias expressões, ou reaes ou produzidas pela imaginação. Logo, assim-como do sentimento e da paixão resulta a expressão verdadeira; assim os mesmos affectos,

junctos com a imaginação, constituem as fontes da locução fingida ou figurada.

### § 245

É pois *figura* ou *schema* — a *fôrma de locução despertada pola imaginação e affectos*. — Com a figura se accrescentam á enunciação simples e logica do pensamento idéas accessorias que o tornam mais vivo, interessante e agradável. — Concorda a mór parte dos rhetoricos em distinguir duas classes de figuras, a saber: figuras de *pensamentos* e figuras de *palavras*. As primeiras olham só ao sentido das palavras, de-sorte-que, ainda mudadas estas, permanece a figura: as segundas consistem na ordem e no som material dos vocabulos; alterados os quaes, a figura desaparece.

### § 246

Ambas estas classes de figuras têm grandes e varias utilidades e virtudes, que em toda a operação e officio do orador se dam a vêr bem claramente. Em primeiro lugar, per meio das figuras se faz mais crível o que dizemos, insinuando-se no animo dos ouvintes per onde menos se pensa. Pois, assim-como no jogo da esgrima é mais facil o vêr e repellir os manejos directos e singelos, do que os indirectos e disfarçados, assim abala mais os espiritos o discurso figurado, do que o simples. Em segundo lugar, se, para despertarmos nos corações alheios o movimento da paixão que em nós sentimos, nos é forçoso exprimil-o (§§ 67 e 68); sendo as figuras as expressões da paixão (§ antec.), quem não vê a grande força que ellas têm para determinar a vontade? Mais que tudo, porém, contribuem ellas para fazer recommendavel o orador, para tirar o tédio pela variedade, e para dar ao discurso novidade e graça. — Sam logo tres os principaes fins das figuras: umas reforçam as provas; outras engrandecem o movimento das paixões; outras emfim deleitam os espiritos. Mas é de notar que as figuras mais proprias para provar



e mover sam as *dos pensamentos*, e para deleitar, as *das palavras*.

## § 247

Já desd'aqui, porém, advertimos ao orador que seja parco no uso de todas as figuras, maiormente das que consistem nos vocabulos, empregando-as quando as pedir a materia: sirva-se d'ellas como d'um tempêro com que torne mais saboroso o discurso; e não perca, pola nimia affectação, aquella graça da variedade que ellas podem trazer á phrase. Cumpre, pois, que não sejam *frequentes* nem *continuadas na mesma especie*; senão *raras e variadas*, para se não tornarem fastidiosas.

## DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, PARA PROVAR

## § 248

Ora, assim-como é natural o conceber primeiro as idéas e depois o enuncial-as, assim daremos primeiro as figuras dos pensamentos. E, começando per aquellas que servem de avivar a prova, poremos em primeiro logar a *interrogação*: i. é, — *a pergunta que se faz, não para saber alguma coisa que se ignore, mas para intimar o que se diz.* — Assim urge Cicero a Catilina com estas perguntas (*I Cat.*): *Não sentes descobertos teus designios? Não vês que ao conhecimento de quantos aqui se acham não escapa já a tua conjuração?* Mais (J. Freire, *Vida de D. João de Castro*, L. II): *Depois de commettido o maior delicto, qual não terão por leve? Quem duvidará ser offensor onde se não vingam injurias?* E d'estes logares se vê que esta figura é tambem propria para mover affectos.

*offense de  
"perguntas"*

## § 249

Tambem a *resposta* é figura, — quando, perguntando-se-nos *uma coisa*, respondemos a *outra*, por nos ser mais util.

Póde ella muitas vezes empregar-se no foro; já para aggravar uma accusação, como se uma testemunha, perguntada — *se um individuo fóra fustigado pelo réo?* — responder: *e innocente*: já para desviar o crime, como se, perguntando-se a um: — *Mattaste esse homem?* — responder: *um ladrão*; ou — *Apossaste-te d'este predio?* — responder: *do que era meu*. Quinctil.

## § 250

Da pergunta e resposta resulta outra figura, a *subjecção*, — *pela qual o orador, fazendo a pergunta, ajuncta logo a resposta*; como (Cic. a fav. de Lig.): *E perante quem digo eu isto? Sim, perante aquelle que, sabendo-o, todavia antes de me vér, me restituiu á republica*. E (Vieira, Serm. Part. VIII, pag. 192): *Pois quem é o verdadeiro rico? — Aquelle que não quer nada, porque nenhuma coisa lhe falta*.

## § 251

Ás vezes — *fingindo que não queremos falar de certa coisa, vamos comtudo dizendo-a*: e esta figura se chama *preterição*. Tal é a de Cic. (a fav. da lei de Manil.): *Não vos direi pois, senhores, quam grandes e quam afortunados foram seus feitos na paz e na guerra, per terra e per mar; assim-que não só os cidadãos assentiram sempre aos seus querereres, os alliados lhe obedeceram, os inimigos se lhe sujeitaram; senão-que os mesmos ventos e tempestades lhe foram favoraveis*. E a de Camões (Lus. I, 26):

*Deixo, deuses, atrás a fama antiga  
Que co'a gente de Romulo alcançaram,  
Quando com Viriato na inimiga  
Guerra romana tanto se afamaram.*

## § 252

Maravilhosa força têm no discurso, maiormente no exordio, a *prolepse* ou *anticipação*, — *pela qual prevenimos e*

desfazemos a objecção que se nos póde fazer; — qual a de Cic. (a fav. de Arch.): *Perguntar-nos-ás, ó Graccho, porque gostámos tanto d'este homem. — Porque nos subministra materia com que o espirito se allivie d'este estrepito do foro, e com que os ouvidos, cançados da vozeria, tomem repouso.* E a de Vieira (Serm., Part. I, col. 81): *Dir-me-eis o que a mim me dizem e o que já tenho experimentado: Que, se prégamos assim, zombam de nós os ouvintes... Zombem e não gostem embora, e façamos nós nosso officio.*

## § 253

É propria para conciliar attenção e credito a *duvida* ou *perplexidade*: — a qual se dá quando o orador finge que ignora e pergunta per onde ha de começar, onde acabar, o que ha de dizer ou deixar de dizer. Assim Cic. (a fav. de Cluenc.): *Em-verdade, pelo-que-me-toca, não sei para onde me volte. Negarei eu a infamia d'um tribunal peitado?* E Vieira (Carta 75, tom. II): *Não sei per onde comece e se explicára melhor a minha dôr com lagrimas e gemidos que com palavras.*

## § 254

D'esta figura não differe muito a *communição*; e emprega-se ella — quando, confiados na bondade da nossa causa, ou consultámos os mesmos adversarios ou como que deliberámos com os juizes. — Temos exemplo em Cic. (Verr. I): *Agora vos consulto eu, senhores: que julgais devo eu fazer? Porcerto-que, sem o declarardes, me dareis aquelle conselho que eu mesmo intendo me é forçoso tomar.* E em Vieira, (Serm., Part. VI, n.º 110): *Tórno a perguntar: Quando esteve o officio e dignidade episcopal mais auctorizada? agora quando tantos a pretendem, ou quando ella era a pretendente?*

## § 255

Quasi a mesma é a origem da *permissão*: — pela quat

*deixámos ao juizo dos ouvintes ou dos adversarios a decisão d'alguma coisa. — D'esta figura usaram S. Pedro e S. João perante a Synagoga (Act. IV, 19. Trad. de Per.): Se é justo deante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgae-o vós: porque não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido.*

## § 256

Faz tambem attento o auditorio a *suspensão* ou o *inopinado*; quando, tendo per algum tempo em expectação os ouvintes, *ajunctámos depois uma coisa muito maior ou muito menor do que elles esperavam. — Cic. (Verr. V): Que se seguiria depois? que cuidais vós? quiçá espereis algum furto ou nova présa.....* E, depois de ter per muito tempo em suspensão os animos dos juizes, *ajunctou um crime muito maior. E pelo-contrario (a fav. de Lig.), havendo começado: Um crime novo e até hoje nunca ouvido te delatou o meu parente, Q. Tubero, remata o pensamento assim: Que Q. Ligario estivera em Africa; o que ou não era crime ou só leve.*

## DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, PARA MOVER

## § 257

Entre as figuras proprias para augmentar o movimento das paixões contam-se principalmente estas. A primeira é a *exclamação*: i. é, — a *expressão forte, viva e subita, de qualquer paixão violenta*; — já de prazer: *Estou livre, respirei!* Cic. a favor de Mil.; — já de dôr: *Ó infeliz de mim! enxugaram-se as lagrimas; a dôr está-me ainda pregada no coração!* Philipp. II; e (*En. II, 241. Trad. de Odorico Mendes*):

..... Ó patria! ó Ilio!  
Invictos muros, divinal estancia!  
Berço de heroes!

— já de obsecração: *Ó doce nome da liberdade!* Cic. Verr. V;

—já de indignação: *Ó tempos! ó costumes! Cat. I;* —já de admiração e reprehensão: *Ó edades cegas! ó gentilezas enganadas! ó descrições mal entendidas! Vieira, Serm. Part. IV, n. 491;* —já de imprecação (*En. IV, 24. Trad. do dr. Lima Leitão*):

*Porém sorva-me a terra, ou Jove iroso  
C'um raio vingador me lance ás trevas,  
Trevas pallidas do orco e noite obscura;  
Antes de que, ó pudor, as leis te eu quebre.*

E (*Lus. IV, 102*):

*Ó maldicto o primeiro que, no mundo,  
Nas ondas vélas poz em sêcco lenho!*

### § 258

A segunda é a *parrhesia* ou *licença*, — *pela qual dizemos confiadamente coisas que pareciam arriscadas;* — com o fim de admoestar ou reprehender ou ainda mesmo adular. Tal é a de S. Paulo (*Act. XXV, 10*): *Ante o tribunal de Cesar estou: aí devo de ser julgado: para Cesar appello.* E a de Jer. Osorio (*Carta a D. Sebastião*): *De que servirá logo tanto trabalho e tanta dispesa sem fructo?... Vença-se a si mesmo v. alteza; dome seu espirito; amanse a grandeza de seu coração.*

### § 259

Mais atrevida que estas é a *prosopopeia* ou *personificação*; — *pela qual introduzimos ficticiamente a falar ou pessoas, ou os animaes mudos, ou as mesmas coisas inanimadas.* Sam pois tres as suas especies, *dialogismo*, *idolopeia* e *prosopopeia*, propriamente dicta. — Pelo *dialogismo* fingimos as pessoas a falar ou consigo, ou umas com outras, ou conosco; mas, para que isto se torne crível, é mister fingirmos que as pessoas dizem o que natural ou verisimilmente pensariam. Um bellissimo exemplo temos no cantico de Moyses depois da passagem do mar-vermelho: *O inimigo disse: Eu os perseguirei e eu os alcançarei; repartirei seus*

*despojos: minha alma ficará saciada: desembainharei a minha espada; a minha mão acabará com elles. Exodo, XV, 9.* — Dá-se a *idolopeia* quando introduzimos a falar a divindade ou os mortos. Assim (*a fav. de Celio*) Cicero evoca do tumulo Appio Cego, para reprehender a filha Clodia: *Mulher, de que tens que accusar a Celio?* etc. — Se porém se introduzem a falar os animaes irracionaes ou as coisas inanimadas, chama-se isso *prosopopeia* em sentido proprio; como na *I Cat.*: *A patria como que parece falar contigo, ó Catilina, e dizer-te: Alguns annos ha que se não commetteu attentado de que tu não fosses a causa, nem delicto em que não tivesses parte,* etc. E (em Baruch III, 36. Trad. de Per.): *As estrellas foram chamadas e disseram: Aqui estamos; e deram luz com alegria áquelle que as fez.* E (em Vieira, *Serm. Part. I, pag. 754, ediç. de 1679*): *É possível (estão bradando estas paredes), é possível que faz Deus tantos milagres por nos dar a saude e vida temporal, e que os homens não queiram fazer o que Deus lhes manda, sendo tam facil, para alcançar a saude espiritual e a vida eterna?* — Mas a dureza d'estas prosopopeias (nas quaes têm os poetas mais liberdade que os oradores) deve adoçar-se per meio de correctivos, taes como estes — *se, como, em certo modo, parece-me, figura-se-me,* etc. — E ninguem se metta a empregar-as, sem ter um grande cabedal de ingenho e eloquencia; nem use d'ellas em materia de pouca monta, senão sómente nas que demandam o movimento de grandes paixões. Pois é certo que as coisas, por natureza falsas e incriveis, forçosamente ou ham de mover mais, por passarem de verdadeiras; ou ham de ter-se por frivolas, por isso mesmo-que não sam verdadeiras.

## § 260

Tambem no movimento das paixões têm admiravel força a *apostrophe*, i. é — *a locução apartada da pessoa a quem naturalmente se dirige o discurso, para outra;* — quer esta seja presente, quer ausente, quer morta; — ás vezes até

dirigimos a fala a coisas insensíveis, unindo assim a apostrophe com a prosopopeia. Apostrophe a uma pessoa presente é a de Cic. (*a fav. de Lig.*), invectivando contra o accusador: *Que outro empenho era o nosso, ó Tubero, senão alcançarmos o poder de que hoje gosa aquelle que está presente?* A um fallecido esta (*Lus. III, 71*):

*Ó famoso Pompêo, não te pene  
De teus feitos illustres a ruina, etc.*

A Deus esta (*Lus. II, 31*):

*Ó tu, guarda divina, têm cuidado  
De quem sem ti não póde ser guardado.*

A coisas inanimadas (*Cic. a fav. de Mil.*): *A vós, tumulos e bosques albanos, a vós é que eu imploro e conjuro. E* (*Ulyss. III, 37*):

*Dizei-o vós, ó concavos penedos,  
Quantas vezes as queixas repetistes  
De minha imiga: e o echo, que me ouvia,  
A ultima voz, imiga, repetia.*

## § 261

Move tambem os affectos a segunda especie, de enargia de que acima falámos (§ 159), e a que outros chamam *hypotypose*; — esta não só indica a acção mas até mostra o modo per que ella se practicou, e não em grosso, senão per partes; assim—qué parece não tanto ler-se ou escutar-se a mesma acção quanto o tel-a ante os olhos. Em Cic. (*Verr. VII*) achais um exemplo bem frisante: *Inflammado em maldade e furor, veiu elle ao foro; chammejavam-lhe os olhos; de todo o rosto a crueldade scintillava.* E na *Ulyss. (IV, 90)*:

*Achilles, que se vê mais alentado,  
Estreitamente aperta Heitor comsigo:  
Mette o joelho esquerdo ao dextro lado,  
Carregando nos peitos do inimigo,  
Que, sem poder suster-se, cái forçado.*

## § 262

A *aposiopese* ou *reticencia*, — que rompe a phrase deixando-a incompleta, — tambem exprime affectos, já de chole-  
ra, como (*En. I, 139. Trad. de Odorico Mendes*):

*Eu vos... Mas insta abonançar as vagas;*

já de dôr, como (*Lus. II, 41*):

*Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes;  
Que pois eu fui... E nisto de mimosa  
O rosto banha em lagrimas ardentes;*

já como de receio e escrupulo (*Vieira, Serm. Part. I, col. 81*):  
*O rustico veste como rustico, e fala como rustico; mas um  
prégador vestir como religioso, e falar como... não o quero  
dizer em reverencia ao logar.*

## § 263

Move affectos mais brandos a *ethopeia*, a que outros  
querem chamar *mimesis*; e que é — a *pintura dos costumes  
alheios*: — pinta ella a indole, genio, sentimentos e paixões  
ou do homem em geral (e esta se denomina *character*); ou  
d'um individuo em particular, e tem então o nome de *re-  
tracto*. Mas o seu fim mais ordinario é o ridiculizar; e se  
faz ou pintando factos, ou referindo dictos: das quaes a  
primeira é quasi o mesmo que a *hypotypose* (§ 261). Tal  
é o retracto de Catilina em Sallustio, *Trad. de Barreto Feio*:  
*Lucio Catilina, de nobre ascendencia, foi de grande força  
d'alma e de corpo, porém de má e depravada indole. Desde  
a sua adolescencia as guerras intestinas, as mortes, as rapi-  
nas, as discordias civis, gratas lhe foram, etc. E o do nosso  
Viriato em Manuel de Faria: Era Viriato, no delineamento  
do corpo, grande, membros avultados, cabellos crespos, so-  
brancelhas caídas, gesto terrivel, nariz curvo e não pequeno,  
com proporção ao rosto. No animo, prudente, modesto, li-  
beral, de ingenho prompto, de invenção copioso, etc. Quando*



a ethopeia refere dictos, ora estes sam proprios e verdadeiros, ora fingidos pelo dialogismo. Assim pinta ficticiamente Maro o ardente amor de Dido a Enêas (*En. IV, 9*):

*Suspensa que visões, Anna, me aterram?  
Que hospede novo aporta ás nossas plagas?  
Quam gentil parecer! que acções! que esforço!  
Creio, nem creio em vão, d'um nume é prole.*

## DAS FIGURAS DOS PENSAMENTOS, PARA DELEITAR

### § 264

Aindaque todas as figuras, e maiormente as das palavras, produzem deleite; contam-se todavia, entre as dos pensamentos, tres mais proprias para esse fim; sam a *dúvida*, de que já falámos, a *epanorthose* e a *anamnese*. E, porque dam um ar de singeleza e de extemporaneidade ao discurso, não só deleitam estas figuras, senão também fazem o orador menos suspeito aos ouvintes.

### § 265

*Epanorthose* ou *correção* é — o fingido arrependimento do que se disse: como a de Cicero (a fav. de Cel.): *Mas para que introduzi eu aqui tam grave personagem?* E na *Verr. III*: *Enganei-me, senhores; pois elle comprou, não furtou. Quizerá não ter dicto isto. Ha elle de gloriar-se e cavalgar nesses potrinhos.* Bem—assim em Vieira (*Serm. Part. XII, n. 212*): *Tudo que nasce e vive neste mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu, o que vive e o que nasce? Os elementos não sam viventes; e a este mesmo fim (a pensão do sustento humano) cançamos e fazemos trabalhar aos proprios elementos.*

### § 266

*Anamnese* é a figura — pela qual o orador finge lembrar-se

*de-repente d'uma coisa que lhe esquecêra.* — Assim o mesmo Cic. (*Verr. IV*), tendo contado o caso de Pisão, que no tribunal mandára fazer um anel a um ourives, como se com isto se lhe despertasse a memoria, accrescentou: *Agora o anel de Pisão me suscitou a lembrança d'uma coisa que de todo me escapára. A quantos homens-de-bem, cuidais vós, tirou elle dos dedos os anneis de oiro?* — Com esta figura se fazem tambem galantes transições; como esta de Vieira (*Serm. Part. II, n. 372*): *Lembra-me (vamos do monte ao mar), lembra-me que no mar de Tiberiades corria fortuna a barca do apostolado.*

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS; E PRIMEIRAMENTE DAS QUE SE FAZEM PER ACCRESCENTAMENTO

§ 267

A segunda classe de figuras, que consiste no som ou na ordem dos vocabulos, contêm muitas especies: pois-que se formam ou per accrescentamento, ou per diminuição, ou per consonancia, ou per symetria, ou per contraposição, ou per transposição. — As primeiras têm a virtude de imprimir mais profundamente nos animos do auditorio aquellas idéas que com particularidade lhe queremos inculcar: taes sam as figuras seguintes.

§ 268

*Epizeuxis* ou *reduplicação* é a figura — *que repete seguidamente a mesma palavra;* — já para amplificar, como (Cic. *a fav. de Mil.*): *Existe, existe aquelle poder.* Já para exhortar: *Animo, animo, meus filhos; não haja ninguem que desmaie.* Sousa, *Vida do Arceb. L. III, 20.* E (*Ulyss. X, 9*):

*Arma, arma,* repetia o som violento;  
*Arma, arma,* logo os esquadrões gritaram.

Já para exprimir a compaixão; como (Virg. *Eclog.* II, 9):

*Corydon, Corydon, quanto és demente!*

E (A. Ferreira, *Traged. Castro*):

Ah coitada de ti! ah *triste, triste!*

### § 269

Similhante, mas ainda mais vehemente, é a *diacope* ou separação, — *que repete a mesma palavra, mettendo uma ou mais de-per-meio*; como (Cic. *a fav. da Lei Manil.*): *Foi outrora, foi*, proprio do povo romano o ir guerrear longe do seu paiz. E (Virg. *En.* IV, 657):

*Feliz, ai! mui feliz, se ás praias nossas  
Nunca troianas quilhas aportassem!*

E (*Lus.* III, 19):

*Tu, só tu, puro amor, com força crua,  
Que os corações humanos tanto obriga,  
Déste causa á molesta morte sua,  
Como se fôra perfida inimiga.*

### § 270

Tambem intíma com força os pensamentos a *anaphora*, — *que repete a mesma palavra no principio de varias phrases*, — como: *Tudo* cura o tempo, *tudo* gasta, *tudo* digere, *tudo* acaba. Vieira, *Serm.* Part. III, n. 550. Muito serve, pois, esta figura para despertar as paixões; já de indignação; como: *Nem* te fez abalo a nocturna guarnição do palatino, *nem* as sentinellas da cidade, *nem* o temor do povo, *nem* o consenso de todos os bons, *nem* este segurissimo logar onde se acha o senado, *nem* a presença e semblantes d'este congresso? Cic. na *I Cat.*; já de compaixão, como (Virg. *Georg.* IV, 465):

*A ti, ó doce esposa, a ti cantava,  
A ti, sosinho na deserta praia,  
A ti, nascendo, a ti morrendo, o dia.*

E (Ferr. *Trag. Castro*):

*Já me não ouves? já não te hei de ver?  
Já te não posso achar em toda a terra?*

§ 271

Nos parallelos e comparações se costuma tambem empregar a *anaphora alternada*, que é — a *repetição e correspondencia reciproca das primeiras palavras de varias phrases*. — Tal é a de Cic. (*a fav. de Murena*), fazendo o parallelo d'um general com um jurisconsulto: *Tu* vélas de noite, para poderes responder aos que te consultam; *elle*, para chegar cedo com o exercito ao logar destinado. *Tu* acordas ao cantar dos gallos; *elle* ao som das trombetas. *Tu* põis uma acção em juizo; *elle* um exercito em batalha. *Tu* acautelas as partes, para que não sejam surprehendidas; *elle* dá as providencias, para não serem tomadas as cidades e os arraiaes. *Elle* possúe e sabe a arte de repellir as tropas inimigas; *tu* a de desviar as aguas da chuva. *Elle* têm-se exercitado em alargar as raias do imperio; *tu* em o administrar. — E a de Vieira, introduzindo a falar Saul com David sobre o combate d'este com o philisteu Goliath: Olha, moço (dizia Saul a David, apontando-lhe para o gigante); olha, moço, que *aquelle* é mais que homem; e *tu* menino: *aquelle* armado; e *tu* sem armas: *aquelle* exercitado em batalhas; e *tu* sem exercicio da guerra.

§ 272

Contrária a esta, mas de igual força, é a *epistrophe*, — que fecha varias phrases com a mesma palavra, — como: Os Carthaginezes, na justiça o povo romano os venceu, nas armas os venceu, na liberalidade os venceu. Cic. *Philipp. V.* — E: Tudo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte, até a mesma morte. Vieira, *Serm. Part. I, col. 1047.*

## § 273

A *symploce* — começa e termina as phrases pelas mesmas palavras; — comprehendendo assim a anaphora e a epistrophe. Exemplo: *Quem promulgou a lei? Rullo. Quem privou dos votos a mór parte do povo? Rullo. Quem presidiu aos comicios? O mesmo Rullo. Cic. sobre a L. Agr. E: O que faz o lavrador na terra, cortando-a com o arado? busca pão. Que faz o soldado na campanha, derramando o sangue? busca pão. Que faz o navegante no mar, luctando com as ondas? busca pão. Vieira, Serm. Part. XII, n. 212.*

## § 274

A *ploce* — faz corresponder a palavra do meio da phrase ou á do principio d'outra, — como (*En. VII, 759*):

*Chorou-te a Angicia selva saudosa,  
Do Fúcinio chorou-te a vitrea onda;*

ou á do fim, como: *Esta náu carregada de présa siciliense, sendo a mesma tambem parte da présa. Cic. Verr. VII. Mais: Amor que póde crescer não é amor perfeito. Vieira, Serm. Part. I, n. 423. E: Succederá a saude á enfermidade; e vós conhecereis o que tendes na saude. O mesmo, Serm. Part. XVII, n. 110.*

## § 275

*Epanalepse* é — a figura pela qual a palavra do meio d'uma phrase corresponde á palavra do meio d'outras; — como: *Em Dina mattou a formosura a Sichem; em Dalila mattou a Samsão; em Judith mattou a Holofernes; em Helena a toda a Troia; em Lucrecia a toda a Roma; em Florinda a toda a Hispanha. Vieira. Serm. P. VI, n. 317. Ou a do principio á do fim da phrase ou verso, como: Alegrae-vos incessantemente no Senhor, outra vez digo, ale-*

*grae-vos. S. Paul. Epist. aos philipp. IV, 4. Trad. de Per. E (Virg. Eccl. VII. Trad. do dr. Lima Leitão):*

*Ambos na flor da idade, árcades ambos.*

*E (Ulyss. VI, 91):*

*Vencido, quer não parecer vencido.*

### § 276

*Epanodos* ou regressão é a figura — *que repete, separando, palavras que primeiro disse junctas; —* qual é o celebrado epigramma de Ausonio ácerca de Dido (o 2.<sup>o</sup> verso é traducção de Filinto Elysio):

*Dido infeliz, a um e outro mal unida,  
Morre-te um, foges; fuge-te o outro, morres.*

*E* este passo de Vieira, *Serm. Part. XIV, n.º 75*: Admiravel foi David na *harpa* e na *funda*: com a *harpa* afugentava demonios, com a *funda* derrubava gigantes.

### § 277

O *polyptoton* — *repete o mesmo nome em differentes casos: —*e, comquanto d'elles careçam os nomes portuguezes, póde comtudo, pelas preposições que se lhes ajunctam, dar-se em-certo-modo esta figura. Exemplo (*En. IV, 628. Trad. de Odorico Mendes*):

*..... Com praias travem praias,  
Ondas com ondas, guerra, armas com armas.*

*E (Ulyss. X, 10):*

*Já co'as infestas armas pelejando,  
A lança á lança oppõem, o peito ao peito.*

## § 278

A *derivação* — repete o adjectivo em differente genero ou numero, e o verbo em differente modo, tempo ou pessoa; — como: De exemplos estão *chéos* todos os livros, *chéas* as vozes dos sabios, *chéa* a antiguidade. Cic. *a fav. de Arch. E* (*Lus. I, 106*):

No mar *tanta* tormenta e *tanto* damno,  
*Tantas* vezes a morte apercebida!  
 Na terra *tanta* guerra, *tanto* engano,  
*Tanta* necessidade abhorrecida!

E tambem (Hor. *Od. L. II, 13. Trad. de Elp. Dur.*):

Mas da morte a improvisa força rouba  
 E roubará as gentes.

Bem-cómo (Pedro de Andrade Caminha, *Eleg. á morte de A. Ferreira*):

Amará e será *amado*; assim lá se usa:  
 Cantará e será ouvido de a quem *canta*;  
 Que quem lá se *ama* de *amar* não se escusa.

## § 279

A *anadiplose* — repete a ultima palavra da oração ou do verso no principio do seguinte. — Exemplo: Este comtudo *vive. Vive?* Até vêm ao senado. Cic. *I Cat. E* (Virg. *Ecl. X, 72*):

O meu canto fareis bem grande a Gallo,  
 A Gallo cujo amor em mim cada hora  
 Tanto se augmenta, ó musas.

Assim tambem (Ferr., *Trag. Castro*):

C'os olhos lhe accendi no peito *fogo*,  
*Fogo* que sempre ardeu e ainda arde agora,  
 Na primeira viveza inteiro e puro.

## § 280

A *synonymia* — repisa as mesmas idéas per palavras ou

*phrases synonymas*; — e, quando as idéas sobem gradualmente, toma esta figura o nome de *exergasia*. Exemplo: *Peccámos com os nossos páes, obrámos injustamente, commetemos iniquidades. Judith, VII, 19. E (Cic. Cat. II): Foi-se, saiu, abalou, escapou. Bem-assim (Sousa, Vida do Arceb. L. II, C. 12): Em se tractando dos (negocios) de Deus, era fogo, era raio, era corisco.*

## § 281

O *polysyndeton* — *emprega varias conjuncções ou repete a mesma muitas vezes*; — figura propria para amontoar idéas importantes; como: *Até esta hora padecemos fome e sede e desnudez e máos tractamentos e não temos morada estavel e trabalhámos per nossas proprias mãos com assás fadiga. Apost. I aos corinth. IV, 11 e 12. E (Virg. En. II, 666):*

*E Ascanio e meu páe, e ao pé Creusa,  
Vel-os-eis uns com outros immolados?*

E (Heit. Pinto, *Dial. da discreta ignorancia, C. VIII*): O bom ingenho ha de ter agudeza e subtileza e força e velocidade; mas isto ha de ser para o conhecimento de coisas proveitosas.

## § 282

O *climax* ou gradação — *repete o que está dicto e, antes de passar ao grau seguinte, pára no antecedente.* — Exemplo: *Na cidade nasce o luxo; do luxo resulta necessariamente a avareza; da avareza rompe a audacia; a audacia gera todos os crimes e maldades. Cic. a fav. de Rosc. E: Da perda (do bem) nasce o conhecimento; do conhecimento a estimação; da estimação a dôr. Vieira, Serm. Parte XIV, n.º 112. Mas esta figura, porisso-que têm um artificio mais sensivel e affectado, deve ser mais rara.*



## DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER DIMINUIÇÃO

## § 283

As figuras *per diminuição* prestam ao discurso mais concisão e novidade. A primeira é a *synecdoche*, per outro nome *ellipse*, — que subtráhe á phrase alguma palavra que, pelo contexto, facilmente se intende: — frequente é o seu uso em todo o genero de eloquencia; nas cartas e na conversação ordinaria, frequentissimo. Exemplo: *Tal homem? tal impudencia? tal audacia?* Onde se intende — *soffreremos*, — ou um verbo similhante. Cic. *contra Verr.* O mesmo em uma carta a Bruto: *Nem uma palavra senão a teu respeito: i. é,* — *se disse.* E (*En. IX, 51*):

*Qual de vós, ó mancebos, o primeiro  
Será que ao lado meu co'õ inimigo?...*

onde subintendemos — *se affronte.* — E (*Vieira, Serm. 14.º da III.ª parte*): *Aos herejes o vosso rebanho? aos herejes as almas?* Onde se deve intender — *entregais.*

## § 284

A segunda é o *asyndethon* ou *dissolução*, — que, tirando todas as conjuncções ás phrases, — lhes dá mais força e viveza; e que, accelerando a marcha do discurso, o torna mais animado. Exemplo: *As boas-lettras criam a adolescencia, recreám a velhice, adornam os successos prosperos, servem de asylo na adversidade, divertem-nos em casa, não nos embaraçam per-fóra, velam comnosco, nas jornadas nos seguem, no campo nos acompanham.* Cic. *a fav. de Arch.* E (*Ferr., Cart. L, II, 4.ª*):

..... Uma hora chega emfim  
*Triste, espantosa, fêa, dura, amarga.*

## § 285

A terceira é a *zeugma* ou *juncção*, — *que liga varias phrases com um só verbo*; — pôsto ou no principio; como: *Venceu* ao pudor a lascivia, ao temor a audacia, á razão a loucura. Cic. *a fav. de Cluenc.* Ou no meio; como: A flor da formosura *murcha* com a doença ou com os annos. Auct. ad Herenn. Ou no fim, como: Certo que tal não és, Catilina, que nem da torpeza o pudor, nem do perigo o medo, nem do furor a razão, jámais te *haja apartado*. Cic. *Cat. I.* Mais: *Foi* (Vasco da Gama) venturoso em seus trabalhos, domador do superbe oceano, e conquistador do imperio occidental. Amador Arraes, *Dial. IV da gloria e triumpho dos lusit.*, C. 24.º

## DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER CONSONANCIA

## § 286

Conciliam a attenção duas figuras, a *paronomasia* e a *antanaclase*. A *paronomasia* ou consonancia do nome — *emprega na phrase duas palavras quasi do mesmo som, mas de idéas differentes*; — qual é a de Cic. *a fav. de Celio*: Cidadão de boas *artes* e boas *partes*. E a de Vieira (*Serm. Parte IV, pag. 421*): As *magnetes* attrahem o ferro, os *magnates* o oiro.

## § 287

A esta figura se assimilha muito a *antanaclase* ou *repercussão*, — *que emprega em significação diversa, ou contraria, palavras levemente alteradas pelas preposições que as compõem*; — como: não *emittido* da cidade, senão *mettido* nella. Cic. *Cat. I. E*: Dizem que um amor com outro se *paga*: e mais certo é que um amor com outro se *apaga*. Vieira, *Serm. Parte III, n.º 477*.

## § 288

Alguma virtude terão estas figuras, se a consonancia servir para distinguir as propriedades dos objectos e as relações das idéas; quando porém ella pára só no ouvido, é um vicio: sendo que taes equivoccos ou trocadilhos de palavras, frivolos ainda no discurso jocoso, demostram um espirito ocioso, baixo, occupado em bagatelas, e assim destituido de bom-gosto.

DAS FIGURAS DAS PALAVRAS *PER SYMMETRIA*

## § 289

Outro tanto deve dizer-se das figuras que se formam per *symmetria*, e que têm o mesmo fim que as da classe antecedente. Deve a leveza d'ellas ser acompanhada de pensamentos ponderosos: o empregal-as vasia de sentido não será só affectação vã, será tambem tam ridiculo como o procurar figura e gesto onde não ha corpo. Mas ainda as que têm pêso, não se devem de amiudar muito, para que se não perca a variedade que per ellas se procura (§ 247). Veja-se emfim, mais-que-tudo, se as pedem a materia, o logar, as pessoas, etc. — Nesta especie só contâmos tres, o *homeoteuton*, o *homeoptoton*, o *isocolon*.

## § 290

*Homeoteuton* ou desinencia similhante dá-se — quando as phrases terminam per palavras consoantes: como em Cic. (a fav. de Mil.): Não só para a vida lhe tirar, mas tambem a gloria lhe menoscabar. E em Sousa (*Vida do Arceb. L. I, 23*): Do altar furtamos tudo o que aos pobres não damos. Comquanto porém se encontrem exemplos d'esta figura; todavia, se exceptuardes as phrases proverbias,

deve-se ella evitar em qualquer genero de discurso, quanto for possivel.

### § 291

O *homeoptoton* ou cadencia similhante — *emprega varios verbos nos mesmos tempos, ou nomes nos mesmos casos.* — Exemplo (Cic. a fav. de Rosc.): Que coisa tam commum, como o ar aos vivos, a terra aos mortos, o mar aos navegantes, a praia aos naufragos? Aindaque em portuguez carecem de casos os nomes (§ 277), comtudo as preposições e artigos, que lhes ajunctâmos, podem d'alguma sorte formar esta figura; como: Quem me desendivida a mim mais dos Japões que dos Parauás? as tormentas dos seus mares? os corsarios da sua costa? as perseguições dos tyrannos? João de Lucena, tom. II, L. IV, C. 8. Nos verbos porém forma-se um verdadeiro homeoptoton; como (*Lus.* I, 88):

Bramando duro corre e os olhos cerra,  
Derriba, fere, mata e põe por terra.

### § 292

O *isocolon* — *apresenta membros ou phrases quasi eguaes;* — como em Cicero a fav. de Mil.: Olha quanto é vaga e voluvel a fortuna: quantas as deslealdades nos amigos: quantas as ficções proprias do momento: quantos os desamparos dos propinquos no perigo. E em Vieira, Serm. Parte IV, pag. 290: Leva Abraham seu filho Isaac ao monte; ata-o sobre a lenha do sacrificio; tira pela espada para lhe cortar a cabeça; manda-lhe Deus suspender o golpe.

## DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER CONTRAPOSIÇÃO

### § 293

Avivando as idéas, maior força dam ao discurso as figuras per *contraposição*; mas, como n'ellas é mais sensivel a

arte, deve fugir-se da affectação; porque, onde a arte se alardêa, parece estar d'aí mui longe a verdade. D'estas figuras ha varias especies; nomes só dois, — *antithese* e *antimetabole*: — e, comquanto ellas pertençam mais á classe das dos pensamentos (§ 246), aqui sóem todavia collocal-as os rhetoricos.

## § 294

*Antithese* é a figura — que contrapõe uma palavra a outra palavra; — como (Cic. *Cat. II*): D'esta parte peleja o pudor, d'aquella o despêjo; d'aqui a pudicicia, d'alli o estupro; d'aqui a fé, d'alli o engano; d'aqui a piedade, d'alli a impiedade. E (Vieira, *Serm. Parte V, n.º 4.º*): Passou o mundo do estado da *innocencia* ao da *culpa*; da *immortalidade* á *morte*; da *patria* ao *desterro*. Ou *phrase a phrase*; como: *Abhorrece o povo romano o luxo dos particulares; estima porém a magnificencia pública.* Cic. *a fav. de Cluenc.* Outra: *Temos poder para nos conservar, inteiros; não temos forças para nos reparar, perdidos.* J. Freire, *Vida de D. João de Castro, L. II.*

## § 295

*Antimetabole* é — a contraposição juncta com derivação ou *polyptoton* (§§ 267 e 277). — Tal é aquella sentença attribuida a Socrates: *Não vivo para comer; como para viver.* E esta: *Ha aí homens tam avessos que se accendem com o que se deviam de apagar, e apagam-se com o que se deviam de accender.* Heit. Pinto, *Dial. da tranq. da vida, C. X.*

## DAS FIGURAS DAS PALAVRAS PER TRANSPOSIÇÃO

## § 296

Finalmente as figuras *per transposição*, não as pede só o adorno; pede-as tambem a necessidade da collocação.

Sim: muitas vezes é forçoso que palavras, cujas idéas se offerecem simultaneamente á nossa alma, se separem na fala, mettendo de-per-meio outras palavras; já para que o discurso não fique aspero e solto, mas numeroso; já para se tornar mais energico e vehemente. Para isto servem o *hyperbaton*, a *anastrophe*, a *tmese*.

## § 297

*Hyperbaton* é — a transposição da palavra ou phrase do logar proprio e habitual para outro. — Exemplo: Observei, senhores, que o discurso do accusador era *todo* em duas partes *dividido*. Cic. a fav. de Cluenc. E este: Continuou dizendo: *Que quanto se fazia na terra, fossem quaes fossem os meios e os principios, tudo vinha traçado do ceo*. Sousa, *Vida do Arceb.* L. 1, 22. Tambem no verso; como (*Lus.* I, 9):

..... Vereis um novo exemplo  
De amor dos patrios feitos valorosos,  
Em versos *divulgado* numerosos.

— Evitem-se porém as transposições affectadas; bem-como as longas (§ 174) e as amphibologicas, que produzem obscuridade.

## § 298

*Anastrophe* é — a inversão na collocação das palavras; — como (J. Freire, *Vida de D. João de Castro*, L. II): A diligencia d'estas matronas serviu de allivio no trabalho, *nos perigos de exemplo*. E (*Ulyss.* VI, 74):

De Heitor o grego o peito rutilante  
Reconhece, que a *Pátroclo* vestira;  
Embravece co'a dor de o ver deante,  
E *da vista* arrojava raios de ira:  
A um tigre ferido semelhante,  
Que *a vária pelle* arriça e fogo espira,  
Quando, do silvo ou setta provocado,  
Nas lanças entra *de fereza* armado.

## § 299

A *tmese* — *divide uma palavra composta, mettendo outra em meio.* — Nos poetas latinos se acham muitos exemplos d'esta figura: na prosa sam mais raros. Em portuguez póde ella tambem dar-se nestas variações dos futuros dos verbos, como: *amar-te-ei, defender-te-ei, applaudir-te-ei.* — Estas ultimas especies de figuras nos chamam á terceira virtude da elocução.

## CAPITULO XIX

## Da elocução collocada

## § 300

Escolhidas as palavras, releva porcerto dar-lhes o conveniente logar, para effituarmos nosso intento. Nada póde calar no animo, uma-vez-que desde-logo desagrade ao ouvido, que é como o seu vestibulo; e tam naturalmente nos incanta a musica e harmonia, que os mesmos sons dos instrumentos, sem exprimirem palavras, nos impressionam o coração. Grandemente serve, pois, a boa *collocação* das palavras não só para deleitar senão para mover os animos. Com ella tambem o discurso se esclarece; e ainda alguns pensamentos fracos, e medianamente enunciados, per esta só virtude se fazem recommendaveis.

## § 301

*Collocação* é — *a justa e harmonica disposição das palavras e seus aggregados.* — Duas sam em geral as partes da *collocação*; uma racional, porque attende mais ás idéas dos objectos; é a *ordem*: outra musical, e que respeita assim aos sons como aos compassos dos vocabulos e phrases; é a *harmonia*. Mas antes de tractarmos d'estas duas partes, falaremos das diversas fórmãs de elocução prosaica.

## § 302

Estas fórmulas ou aggregados de palavras denominam-se — *inciso, membro, periodo*; — os quaes, podendo caber em todo o genero de discurso, sam todavia empregados propriamente, e com mais frequencia, no oratorio. — *Inciso* ou *comma* é — *a phrase de numero incompleto e sem conclusão final*; — cuja medida não excede um hemistichio do verso hexametro latino ou o de um hendecasyllabo portuguez. Taes sam aquelles incisos (Cic. *Cat. I*): *Ó tempos! ó costumes! O senado isto intende; o consul o vê: e este ainda vive. Vive?* E estes (Vieira, 2.<sup>o</sup> *Sermão da Cinza*): *Arrima o bastão; renuncia o imperio; despe a purpura, etc.* — Usa-reis de *incisos* todas-as-vezes-que for necessario falar com calor, força e acrimonia; como nas apologias, nas argumen-tações, refutações e invectivas; pois-que tanto se deve de ajustar a collocação aos pensamentos e aos objectos, que, se elles forem asperos, aspero deve ser tambem o numero; arripiando-se quem ouve junctamente com quem fala, como diz Quinctiliano.

## § 303

*Membro* ou *colon* é — *uma ou mais phrases de numero completo, mas sem conclusão final*; — a sua medida querem alguns rhetoricos que seja a d'um verso hexametro latino ou a d'um hendecasyllabo portuguez: mas póde ser mais curto ou mais extenso. Taes sam aquelles (Cic. *a fav. de Mil.*): *Vejo que até aqui tudo concorda, senhores: que a Milão era até mesmo util o viver Clodio; e a este, para os seus fins, mui desejavel a morte de Milão.* E estes (J. Freire, *Vida de D. João de Castro, L. III*): *Este imperio da Asia é filho de nossas victorias; creámol-o em seu primeiro berço; sustente-mol-o agora já robusto.* — Empregaremos os membros ou prosa solta em as narrações ordinariamente, ligando as phra-ses com liames menos apertados; porque, sendo a narração exposição de factos, cada uma das varias circumstancias, que os acompanham, póde e deve exprimir-se em curto es-



paço. Só exceptuareis aquellas narrações que fizerdes, não para instruir os ouvintes, mas para ornato do discurso: a estas armará bem uma composição suave e corrente. — A mesma prosa solta se requiere na conversação familiar e nas cartas, onde se tractam negocios de sua natureza diversos e desligados; excepto se a sua materia for mais elevada, como objectos philosophicos, politicos, etc.; porque, n'esse caso, deverá com o estylo elevar-se tambem a collocação.

### § 304

*Periodo* ou circuito é — o *aggregado de varias phrases de numero completo e conclusão final*. — Este é o periodo propriamente oratorio: o simples, ou em sentido lato, é — qualquer proposição desenvolvida em um ambito maior do que pede a expressão logica; — de-modo-que eguale, pouco mais ou menos, a extensão de dois hexametros, em latim; ou de dois hendecasyllabos, em portuguez; como (Cic. a fav. de Cluenc.): *Observei, senhores, que todo o discurso do accusador era dividido em duas partes* (§ 297); em vez de: *Observei duas partes no discurso do accusador*. — O oratorio, porém, segundo a mór parte dos rhetoricos, deve ter quatro condições: 1.<sup>a</sup> Constar de dois, tres, ou quatro membros; cujos sentidos fiquem suspensos até o ultimo membro: esta é a *conclusão final*, que distingue a prosa *ligada* ou periodica da *incidida* e *desmembrada*. 2.<sup>a</sup> Ser claro e distincto, para poder intender-se. 3.<sup>a</sup> Não desmarcado, para facilmente se reter na memoria. 4.<sup>a</sup> Proporcionado nos membros; porque sendo um d'elles mui extenso e outro mui curto, ficaria a marcha do periodo, per uma parte arrastada, per outra claudicante. — Se os membros, passando de quatro, não excederem a oito, esse aggregado já se não chama *periodo*, senão *oração periodica*: e se tantos forem os membros quantos a respiração de quem fala póde alcançar, têm o nome de *pneuma*.

## § 305

Divide-se pois o periodo, propriamente dicto, em — *dicólos*, *tricólos* e *tetracólos*; i. é, bimembre, trimembre, quadrimembre. — Bimembre é aquelle (Cic. *a fav. de Lig.*): *E se podesses conhecer a-fundo a concordia dos Ligarios, assentarias que todos os irmãos foram por ti.* E este (J. Freire, *Vida de D. João de Castro*, L. II): *Todos emfim obraram tam valorosamente, que este só dia bastava para os fazer soldados.* — Trimembre o de Cic. *a fav. da L. Manil.*: *Como eu d'antes, polos meus annos, não ousasse tocar esta tribuna respeitavel; e me persuadissee que se não deviam trazer aqui senão as producções mais acabadas do ingenho e arte: assentei que devia dedicar todo o meu tempo aos negocios de meus amigos.* E o de Vieira, *Serm. Part. X*, n.º 384: *Postoque os juizes sejam rectos ou o queiram parecer; é tal o enredo dos testemunhos falsos...; que a mentira é a que vence e a falsidade a que triumpha.* — Quadrimembre o de Cic. *a fav. de Cecina*: *Se quanto póde no campo e logares desertos a audacia, tanto no foro e tribunaes podesse a impudencia; na causa não cederia menos Cecina á impudencia de Ebucio, do que cedeu á audacia no lance em que este o atacára.* E o de Heit. Pinto, *Dial. da discreta ignorancia*, C. IV: *Assim-como a espada quanto é mais excellente, tanto é mais perigosa na mão do furioso; assim a linguagem quanto é mais elegante, tanto mór perigo traz consigo nos livros profanos.* — Este periodo quadrimembre é de todos o mais perfeito; porque enche o ouvido, sem fatigar a respiração nem a attenção; deve porém de ser mais raro, assim para evitar a affectação como para que o discurso não marche sempre a passo equal, nem perca a variedade, que em tudo se ha de guardar. — Está bem o periodo aos proemios sobre assumptos mais elevados, aos logares communs, aos epilogos; e, na generalidade, quando o discurso demanda pompa e grandeza.

## Da ordem

### § 306

Estes sam os aggregados de palavras que, segundo a clareza, successão e excellencia das idéas, a *ordem* dispõe nos seus proprios logares; sem desprezar, comtudo, a suave modulação da voz. E considera-se a ordem, já nas *palavras independentes*; i. é, *as que, por se não subordinarem entre si, formam muitos sentidos distinctos*; quaes sam *muitos sujeitos, muitos predicados, muitos complementos continuados*, etc.; já nas *palavras dependentes*; i. é, *as que, subordinadas umas ás outras, fazem um só sentido*; assim ao agente se subordina a *acção*, a esta o *termo*, as *circumstancias*, etc.

### § 307

Na primeira consideração se distinguem tres ordens. — Umas vezes damos ás palavras o logar que as coisas, significadas per ellas, têm physica ou moralmente em a natureza; esta ordem se chama *natural*: assim dizemos — *homens e mulheres, pae e filho; dia e noite, nascente e poente*. — Outras vezes seguimos na exposição dos factos a ordem per que elles aconteceram; e esta é a ordem *historica*; assim-como: *Triumpharam* (os portuguezes) *das aguas do mar atlantico, ethiopico, arabico, persico, indico, taprobanico e boreal*. Amad. Arr., *Dial. IV, da glor. e triumph. dos Portug.* Cap. 23. — Outras vezes collocamos as palavras de-modo-que, subindo ou descendo a força dos pensamentos, o discurso vai crescendo ou diminuindo em energia; eis a ordem *oratoria*. Exemplo: *Tu com essas fauces, com essas ilhargas, com essa gladiatoria constituição de todo o corpo*. Cic. na citada *Philipp. II*. Outro: *É a guerra aquella tempestade terrestre que leva as casas, as villas, os castellos, as cidades e talvez em um momento, sorve reinos e monarchias inteiras*. Vieira, *Serm. Parte XVI, n.º 7*. Quando

queremos ou engrandecer ou apoucar um objecto, esta é a ordem que devemos seguir, desprezando a natural e a historica, se a isso se não prestarem.

## § 308

Tambem na segunda consideração per tres maneiras se podem construir as palavras. — Ora vam ellas succedendo umas ás outras, de-sorte-que antes d'uma não falte outra para a intelligencia do sentido. Exemplo: *A maldade perverte o juizo, e o máo é ignorante.* Heit. Pinto. — Ora se põem primeiro aquellas que, segundo as leis da grammatica e o genio da lingua, deveriam pôr-se depois; como: *Os que melhor sentiram entre os mesmos gentios, á inteireza e valor do animo attribuiram mais, que a todas as riquezas.* Luiz de Sousa. — Ora separamos, mettendo outras em meio, palavras cujas idéas andam no pensamento naturalmente ligadas (§ 296); o que se vê neste passo: *Chegaram (os Portuguezes), despregando bandeiras, tomando cidades, subjeitando reinos, aonde nunca o victorioso Alexandre nem o afamado Hercules (cujas façanhas os antigos tanto admiraram) poderam chegar.* Amad. Arr. A primeira ordem se chama *directa*, a segunda *inversa*, a terceira *interrupta*.

## § 309

Qualquer d'estas ordens póde escolher-se, tendo em vista a perspicuidade e a força das idéas, e ainda o som grato ao ouvido; assim-quê, se com estas coisas se compadecer a ordem *directa*, esta seguiremos: em caso contrario, usaremos da *inversa* e da *interrupta*, como noutra parte se advertiu. Muitas vezes, com-effeito, ha uma força especial em uma palavra; a qual, se fica escondida no meio da phrase ou periodo, á sombra das que a cercam, facilmente escapa á attenção; posta porém no fecho, apparece mais e se fixa no animo do ouvinte. Tendes exemplo em Cic.

(*Philipp. II*): Forçoso te foi vomitar na presença do povo romano *ao-outro-dia*. E em Virg. (*En. IV, 369*):

Até na hyberna quadra a frota apromptas,  
E, através do áquilo, a sulcar os mares  
Te apressuras, *cruel!*

E J. Freire, *Vida de D. João de Castro*, L. II: Parece que (D. Francisco de Almeida) queria beber o sangue do Oriente *todo*. Também muitas vezes pelas inversões e transposições se procura a coherente ligação das palavras e a numerosa cadencia da phrase; como no *citado* Freire e no *mesmo liv.*: Aquelles que, em urnas de alabastro, deixaram de uma vida sem nome *ociosa memoria*. — Tornâmos porém a lembrar aqui o que já recommendámos — que as transposições não sejam longas nem imitem as danças lascivas.

#### DA PRIMEIRA ESPECIE DE HARMONIA, A *LIGAÇÃO* OU *MELODIA*

##### § 310

Passando á segunda parte da collocação, a *harmonia*, i. é, o *concértto de coisas varias*; divide-se ella em duas especies, como (§ 301) indicámos, a saber — a *melodia* e o *numero*; — e póde ser *mecanica* ou *imitativa*, segundo ella ou satisfaz só ao ouvido, ou pinta ao-mesmo-tempo a idéa do objecto. Da conveniente ligação assim nas palavras como nos incisos, membros e periodos, nasce a *melodia*, i. é, — o *concértto suave de varios sons successivos*: — d'onde se vê que duas sam as suas virtudes, *consonancia* e *variedade*: e dois os vicios, *dissonancia* e *monotonia*.

##### § 311

Começando pois pela junctura ou ligação das palavras, tres sam as causas da *dissonancia*; as quaes devemos evi-

tar, para haver melodia. — A 1.<sup>a</sup> é o *cacophaton* (§ 210): quando da ultima syllaba d'uma palavra e da primeira da seguinte resulta um vocabulo mal-sonante; como em Camões (*Lus.* VIII, 92):

Que quem não quer commercio, *busca guerra.*

— A 2.<sup>a</sup> é o *hiato*, i. é, o concurso de vogaes de sons muito abertos; sendo maior a dissonancia quando concorrem vogaes longas, ou as mesmas, ou as que se pronunciam com a bôcca mais aberta ou mais concava; como se disserdes: A cubiça *dá azo* ao furto. Porque, parando assim a pronunciação e como que padecendo incommodo pola difficuldade e trabalho do orgão oral, o embaraço do que fala incommóda tambem o que ouve. Se porém a uma vogal breve se segue uma longa, ou a uma longa uma breve, menor é a dissonancia; e, sendo breves ambas, quasi que não ha nenhuma. — Em evitar pois este vicio haja um mediano cuidado; porque o excessivo escrupulo embarga o passo ao discurso, e desvia o orador do que mais importa. — E casos ha em que os hiatos não sam vicios, senão virtudes; como: 1.<sup>o</sup> quando pela *synalepha* se elide a vogal anterior: 2.<sup>o</sup> quando com os hiatos damos á phrase um som mais chêo e, porisso, mais proprio para exprimir a grandeza do objecto: 3.<sup>o</sup> quando com elles pintamos a difficuldade da acção: 4.<sup>o</sup> quando em um discurso singelo, como o dialogal e o epistolar, os hiatos deixam ver um não desagradavel desleixo d'um homem occupado mais dos pensamentos que das palavras. — A 3.<sup>a</sup> causa da dissonancia é a *collisão* ou encontro de consoantes asperas: qual a de *s* no fim d'uma palavra com *r* no principio d'outra; como — *lirios róxos*: — ou de *s* com *s*; como — *rosas séccas*, — etc.

### § 312

Sam causas da *monotonia*, ou vicios contra a variedade, os seguintes: — 1.<sup>o</sup> O *echo* ou som reflexo, i. é, a continuação de palavras que começam ou terminam pelas mesmas

syllabas com que terminaram ou começaram as palavras immediatas; como neste verso:

*Dobrado brado os valles repetiam.*

Quando porém o echo imita a natureza, é uma virtude; como (*Lus. X, 29*):

*O mar todo com fogo e ferro ferve.*

— 2.º A continuação de monosyllabos; que faz com que a phrase cortada por muitas clausulas, vá aos saltos; como (*Lus. I, 28*):

*Do mar que vê do sol a rôxa entrada.*

— 3.º A continuação de syllabas breves, bem como a de syllabas longas; aquellas acceléram o movimento do discurso, estas o retardam. Umas e outras porém, empregadas sobrepensado, com o fim de imitar a natureza na pintura das acções, não serão vicios, senão virtudes. Tendes o exemplo das breves neste verso (*Lus. IV, 88*):

*De mil religiosos diligentes.*

Das longas n'est'outro (*Lus. VI, 90*):

*D'esta cançada já velhice minha.*

— Os *homeoptotos* e *homeoteleutos* (§§ 290 e 291) continuados; sendo que as mesmas figuras, como noutro logar se disse, causam tédio, se faltar a graça da variedade.

### § 313

Na ligação dos incisos, membros e periodos, devem de evitar-se os mesmos vicios (§§ ant.); não é porém aqui necessario tanto escrupulo. Porquanto, aindaque os fins d'uns concorrem com os principios d'outros; todavia d'um para outro inciso, membro ou periodo, ha uma pausa maior do que d'uma para outra palavra; e por isso menor desagrado ao ouvido.